

20. O Verdadeiro Poder do Evangelho: Quando a Compaixão Supera a Busca por Milagres (Lc. 7:11-17)

Autor: Diego Vieira Dias | Grupo: Teologia e Pregações | Data: 28/01/2026 09:30

A Cultura do "Fast-Food" Espiritual e a Importância do Estudo Contínuo

Vivemos em uma era marcada pela velocidade e pela fragmentação da informação. Essa dinâmica, infelizmente, permeou também a esfera da espiritualidade e o estudo da teologia. Criou-se uma cultura de "Fast-Food" espiritual, onde o consumo de conteúdo é rápido, picado e superficial. Muitos constroem sua fé baseados em vídeos curtos, cortes de palestras e frases de efeito retiradas de contextos variados, resultando em uma "miscelânea" teológica mental.

Assim como em uma praça de alimentação onde se escolhe o hambúrguer de uma loja, a batata de outra e a sobremesa de uma terceira, o cristão moderno tende a selecionar apenas os assuntos que lhe agradam. Ignora-se a necessidade de uma dieta balanceada, que inclua não apenas o que é saboroso, mas também o que é nutritivo e necessário para o crescimento — as "verduras e legumes" das escrituras, que muitas vezes vêm em forma de exortação, consolo em momentos difíceis e confrontos com a realidade.

A responsabilidade pela própria edificação é intransferível. Não se aprende matemática começando por cálculos complexos como limites e derivadas; inicia-se pelas operações básicas de soma e subtração. Da mesma forma, a compreensão do Reino de Deus exige uma construção progressiva e fundamentada, e não saltos aleatórios de "galho em galho" em busca de novidades ou entretenimento.

"Muitos têm dúvidas básicas sobre a fé e dúvidas profundas sobre o que é o Evangelho. Há quem creia no Reino, mas sequer sabe o que o Reino é."

O Paralelo com Teófilo

Essa confusão moderna encontra um paralelo histórico interessante no destinatário do Evangelho de Lucas: Teófilo. Provavelmente um grego inserido na cultura do Império Romano, Teófilo vivia em um ambiente de sincretismo religioso e cultural. Embora tivesse crido em Cristo, é provável que estivesse confuso, tentando navegar entre as perspectivas judaicas, cristãs e a filosofia greco-romana da época.

Lucas escreve seu Evangelho (e posteriormente Atos) para colocar em ordem a narrativa dos fatos, oferecendo a seu amigo uma explicação lógica e sequencial sobre quem era Jesus e a natureza do Seu Reino. Hoje, talvez existam centenas de milhares de "Teófilos" — pessoas sinceras em sua busca, mas desorientadas pela falta de um ensino expositivo e coerente que apresente o caráter de Cristo e a lógica do Seu governo de forma integral, e não fragmentada.

O estudo sequencial de livros bíblicos, como o Evangelho de Lucas, serve como antídoto para essa superficialidade, obrigando-nos a passar por todos os temas propostos pelo texto sagrado, e não apenas por aqueles que escolhemos no "cardápio" das redes sociais.

Fé ou Submissão? Desconstruindo o Mito do Poder da Fé

Um dos equívocos mais comuns no imaginário religioso contemporâneo é a atribuição de poder à

própria fé ou à oração, deslocando o foco daquele que verdadeiramente detém o poder: Deus. Ao analisar narrativas bíblicas, como a do Centurião Romano (Lc. 7:1-10), percebe-se que o que muitas vezes é interpretado apenas como "grande fé" é, na verdade, um reconhecimento profundo de autoridade, humildade e submissão.

Existe uma distinção fundamental que precisa ser feita: a fé não possui poder intrínseco. A crença popular de que "a oração tem poder" ou que "a fé move montanhas" por si só pode levar a uma distorção teológica onde o indivíduo confia mais no seu ato de crer do que no Objeto de sua fé.

"A fé não tem poder, quem tem poder é Deus. A oração não tem poder, ela é apenas um pedido. Se a oração tivesse poder por si mesma, qualquer reza feita a qualquer coisa funcionaria, mas o poder emana de quem ouve e executa, não de quem pede."

A Oração como Pedido, não como Decreto

A oração deve ser entendida como um ato relacional de dependência, e não como uma ferramenta mágica de manipulação da realidade. O Salmo 139 nos lembra que Deus sonda o interior humano e conhece a palavra no pensamento antes mesmo que ela chegue à boca. Portanto, a eficácia não reside na formulação da oração ou na intensidade da força mental aplicada pelo indivíduo, mas na soberania d'Aquele que escuta.

"Ainda a palavra me não chegou à língua, e eis que, ó Senhor, já a conheces toda." ([Salmos 139:4](#))

Acreditar fervorosamente que um objeto inanimado se transformará em um animal, por exemplo, não fará com que isso aconteça, independentemente da quantidade de "fé" aplicada. Isso ilustra que a fé não é uma força criativa autônoma.

A Fé como Dom, não como Mérito

Além disso, a teologia bíblica aponta que a fé não é uma produção humana, mas uma dádiva divina. Conforme descrito em 1 Coríntios 12, a fé é um dom do Espírito. O ser humano, por si só, não possui a capacidade de gerar a fé salvífica ou operadora de milagres; ela é concedida por Deus.

Porque a fé é um dom do Espírito. Eu só tenho fé porque Deus me deu fé. Nem para crer eu sirvo, a fé é uma dádiva:

"Porque a um pelo Espírito é dada a palavra da sabedoria; e a outro, pelo mesmo Espírito, a palavra da ciência; e a outro, pelo mesmo Espírito, a fé..." ([1 Coríntios 12:8-9](#))

Dessa forma, a verdadeira espiritualidade não se jacta da "tamanho" da sua fé, mas se rende em gratidão, adoração e sujeição a Deus. O foco sai do "eu creio" para o "Ele pode". Essa perspectiva retira o peso das costas do fiel de ter que "produzir" o milagre através de sua força de vontade e devolve a glória exclusivamente ao Criador.

O Encontro em Nain: Quando a Multidão da Vida Cruza com a Morte

A narrativa bíblica registrada em Lucas 7:11-17 apresenta um cenário de profundo simbolismo e contraste. Jesus, após realizar um milagre à distância em Cafarnaum, empreende uma jornada de aproximadamente 50 quilômetros até a cidade de Naim. Essa caminhada, que exigiria cerca de dez horas a pé, não foi um acaso geográfico, mas um movimento intencional da missão de Cristo.

"E aconteceu que, no dia seguinte, ele foi à cidade chamada Naim, e iam com ele muitos dos seus discípulos, e uma grande multidão. E, quando chegou perto da porta da cidade, eis que levavam um defunto, filho único de sua mãe, que era viúva; e com ela ia uma grande multidão da cidade."

[\(Lucas 7:11-12\)](#)

Ao chegar ao portão da cidade, ocorre um encontro dramático entre duas multidões distintas. De um lado, vinha a comitiva de Jesus: discípulos e seguidores, possivelmente em clima de festa e admiração pelos sinais recentes de poder e vida. Do outro, saía da cidade um cortejo fúnebre: uma multidão em prantos, acompanhando a morte.

"A multidão da festa se encontrou com a multidão do choro. A multidão da vida se encontrou com a multidão da morte."

A Vulnerabilidade Absoluta

O foco da tragédia recai sobre uma figura central: uma mulher que já era viúva e que agora enterrava seu filho único. No contexto cultural e social da época, essa situação representava o ápice do desamparo. A mulher na sociedade antiga dependia da proteção e provisão masculina; perder o marido já era uma catástrofe, mas perder o único filho significava o fim de qualquer segurança futura, de linhagem e de sustento.

Essa mulher encarnava a figura da vulnerabilidade extrema, frequentemente citada na Lei e nos Profetas como alvo prioritário da misericórdia divina (os órfãos, as viúvas, os estrangeiros e os pobres). Ela estava caminhando para a completa solidão e invisibilidade social, lembrando a amargura de Noemi no livro de Rute, que se sentiu desprovida de tudo após perder marido e filhos.

O Milagre sem Pedido

"E, vendo-a, o Senhor moveu-se de íntima compaixão por ela, e disse-lhe: Não chores. E, chegando-se, tocou o esquife (e os que o levavam pararam), e disse: Jovem, a ti te digo: Levanta-te. E o defunto assentou-se, e começou a falar." [\(Lucas 7:13-15\)](#)

Um detalhe crucial nesta passagem desafia a teologia popular da retribuição baseada na fé. Diferente de outros episódios, como o do Centurião ou da Mulher Cananeia, em Naim não houve nenhum pedido.

- A viúva não sabia que Jesus estava chegando.
- Ela não clamou por intervenção.
- Não houve demonstração de "grande fé".
- Ninguém intercedeu para que Jesus parasse o esquife.

Jesus agiu de forma unilateral. Ele caminhou uma longa distância para interceptar aquele enterro. A ressurreição do jovem não foi uma resposta a uma oração fervorosa ou a um ato de fé da mãe, mas

um ato soberano da vontade de Deus.

Ao ver o milagre, a reação do povo foi exclamar: "Um grande profeta se levantou entre nós". Essa declaração ecoa a memória histórica de Israel, remetendo aos profetas Elias e Eliseu, que também ressuscitaram filhos de viúvas em momentos críticos da nação. Contudo, em Naim, algo maior que Elias estava presente: a própria Vida invadindo o território da morte sem precisar ser convidada.

"E de todos se apoderou o temor, e glorificavam a Deus, dizendo: Um grande profeta se levantou entre nós, e Deus visitou o seu povo." ([Lucas 7:16](#))

O povo lembrou-se de Elias, que ressuscitou o filho da viúva de Sarepta:

"E o Senhor ouviu a voz de Elias; e a alma do menino tornou a entrar nele, e reviveu." ([1 Reis 17:22](#))

E também de Eliseu, com o filho da sunamita:

"E ele [Eliseu] tornou a andar na casa... depois subiu, e estendeu-se sobre ele; então o menino espirrou sete vezes, e o menino abriu os olhos." ([2 Reis 4:35](#))

Muito Além da Empatia: O Significado Profundo da Compaixão (*Splagchnizomai*)

Ao vê-la, o Senhor se compadeceu dela e lhe disse: — Não chore! ([Lucas 7:13](#))

Ao avistar a viúva e o cortejo fúnebre, a reação de Jesus é descrita por Lucas com um verbo grego muito específico e poderoso: ***Splagchnizomai***. Frequentemente traduzido como "compadecer-se", esse termo carrega uma profundidade visceral que muitas vezes se perde na leitura moderna.

Etimologicamente, a palavra refere-se ao "mover das entradas". Na antropologia do mundo antigo, acreditava-se que as entradas (o âmago, as vísceras) eram a sede das emoções mais profundas, da angústia e da agonia — diferente da visão ocidental contemporânea que associa sentimentos ao coração de forma poética. Quando a Bíblia diz que Jesus se compadeceu, ela está descrevendo um abalo físico e emocional profundo; como se Ele sentisse uma dor física no estômago diante do sofrimento alheio.

A Diferença entre Simpatia, Empatia e Compaixão

Vivemos um momento cultural onde a palavra "empatia" tornou-se onipresente. No entanto, há distinções cruciais que precisam ser feitas para entender a atitude de Cristo:

- **Simpatia:** Uma disposição favorável, uma impressão agradável ou um sentimento de afinidade (*sim + pathos* = sentir junto/ao lado).
- **Empatia:** A capacidade de se identificar com o outro, de tentar sentir o que o outro sente

(en + pathos = sentir dentro). Embora nobre, muitas vezes permanece no campo do sentimento ou da identificação psicológica.

- **Compaixão (Bíblica):** Vai além de sentir *como* o outro; é sofrer *com* o outro. A raiz latina *com-passio* (ou *com-padecer*) implica em "padecer junto".

"Quem se compadece, morre junto. Quem se compadece, mergulha para dentro da dor, pega aquela dor e coloca sobre si. Jesus não tem apenas empatia; Ele tem compaixão. Ele vai para a Cruz levar sobre si as nossas dores."

O Deus que Sente Antes de Agir

Jesus, sendo Deus, poderia ter resolvido a situação de forma pragmática e imediata. Ele poderia ter atropelado o luto com o poder da ressurreição instantânea. No entanto, a ordem dos fatos em Lucas revela o caráter do Reino: **primeiro a compaixão, depois o milagre.**

Chegando-se, tocou no caixão e os que o estavam carregando pararam. Então Jesus disse: — Jovem, eu ordeno a você: levante-se! (Lucas 7:14)

Antes de dizer "Jovem, levante-se", Jesus disse à mãe: "Não chore". Ele parou para acolher a dor. O "não chore" de Jesus não foi uma ordem fria para cessar o barulho, mas um consolo de quem já estava carregando o peso daquele luto. Ele não ofereceu uma fórmula mágica ou uma teoria da vitória imediata; Ele ofereceu Sua presença na dor.

Isso nos ensina que o Reino de Deus não é instrumental. Não buscamos a Deus apenas como uma ferramenta para resolver problemas, mas nos relacionamos com um Pai que sente a nossa agonia. A cura do menino não foi motivada por uma demonstração de poder para impressionar a multidão, mas pelo "mover das entradas" de Deus diante da morte e da solidão humana.

A Graça Soberana: O Milagre que Não Depende de Pedido

A narrativa de Naim confronta diretamente a mentalidade transacional que permeia grande parte da experiência religiosa contemporânea. Frequentemente, cultiva-se a ideia de que Deus reage exclusivamente a estímulos humanos: uma oração poderosa, uma oferta sacrificial, uma campanha de jejum ou uma declaração de fé inabalável. No entanto, o milagre realizado na vida daquela viúva desmonta a teologia do mérito e da barganha.

Jesus caminhou cerca de 50 quilômetros, uma jornada exaustiva, não porque foi convocado, mas porque decidiu ir. Não há registro de que a viúva ou qualquer pessoa da multidão fúnebre tivesse "ativado" o poder de Deus através de crenças ou rituais. Pelo contrário, ela estava imersa em sua dor, provavelmente nem notou a aproximação do Mestre até ser abordada por Ele.

"Não dependeu da fé desta mulher, não houve oração dela e não foi um ato que partiu do crente. Jesus andou 50 km pela sua misericórdia, pela sua compaixão e pelo seu amor."

A Iniciativa Divina

Este episódio destaca a **Soberania da Graça**. A graça, por definição, é um favor imerecido e, muitas vezes, não solicitado. Deus não precisa da autorização humana ou da "fé" humana como

combustível para operar. Ele é o detentor de todo o poder e o exerce conforme o conselho da Sua própria vontade.

A multidão que seguia Jesus estava em festa, viciada nos sinais e no entretenimento dos milagres, mas Jesus rompe com a expectativa do espetáculo para atender a uma necessidade silenciosa. Ele demonstra que o Seu Reino não funciona sob a lógica de "quem pede recebe", mas sob a lógica superior de um Pai que "sabe do que vós necessitais, antes de Iho pedirdes" ([Mt. 6:8](#)).

O Deus que Visita

A reação final do povo, "Deus visitou o seu povo" ([Lc. 7:16](#)), é teologicamente precisa. Não foi o povo que alcançou a Deus com seus esforços, mas Deus que desceu ao nível da miséria humana para intervir.

Isso nos liberta do peso esmagador de acharmos que somos os geradores dos milagres em nossas vidas. Se o milagre dependesse da qualidade da nossa fé ou da perfeição da nossa oração, estaríamos perdidos. A esperança cristã reside no fato de que, mesmo quando não temos forças para pedir, ou fé para crer, a compaixão de Cristo pode caminhar léguas para nos encontrar no meio do nosso funeral.

Superando a Fé Instrumental para Viver o Reino do Consolo

A análise do milagre em Naim nos conduz a uma crítica necessária sobre o tipo de espiritualidade que temos cultivado. Frequentemente, vivemos uma "fé instrumental", onde Deus é visto como um meio para um fim. Nossos cadernos de anotações e livros de cabeceira estão repletos de fórmulas: "5 passos para a vitória", "10 segredos para a conquista", "como superar desafios". Os verbos predominantes são sempre de aquisição e domínio: conquistar, ter, alcançar, vencer.

Essa mentalidade utilitária nos torna impacientes com o sofrimento alheio. Quando alguém nos procura com um problema — um filho rebelde, uma crise conjugal, uma doença — a tendência religiosa imediata é buscar uma solução mágica. Queremos orar rapidamente, profetizar a vitória, repreender o mal e enviar a pessoa para casa "resolvida". Fazemos isso não apenas por uma suposta fé, mas porque não queremos gastar tempo ouvindo. Não queremos nos *compadecer*, pois isso exige parar, sentar e, muitas vezes, chorar junto sem ter uma resposta pronta.

"Muitos buscam a fórmula do milagre, mas o nosso Cristo é a fonte da compaixão. Ele é o Deus que sabe que, às vezes, antes do poder da ressurreição, é preciso o abraço do consolo."

O Verdadeiro Motivo de Espanto

O que deveria nos espantar nesta passagem não é o poder de Jesus em ressuscitar um morto. Para quem é Deus, dono da vida e vencedor da morte, trazer alguém de volta à vida não é um esforço. Poder, Ele tem de sobra. O que realmente causa assombro — ou deveria causar — é a **generosidade e a humildade** de um Deus Todo-Poderoso que se importa com a dor de uma anônima.

No mundo dos homens, o poder geralmente afasta a sensibilidade. Mas no Reino de Deus, o Rei caminha 50 quilômetros para enxugar as lágrimas de uma viúva. O verdadeiro "sinal" do Reino não é apenas o fenômeno sobrenatural, mas a humanidade recuperada: gente que se torna capaz de sentir, de amar e de se solidarizar, à semelhança de Cristo.

Conclusão: O Reino da Compaixão

O episódio de Naim nos convida a abandonar a busca frenética por sinais e a obsessão por sermos

"vitoriosos" a todo custo, para nos tornarmos "gente". Gente que entende que o cristianismo não é um clube de super-heróis imunes à dor, mas uma comunidade de compaixão.

Este episódio ecoa a "kénosis" (esvaziamento) descrita por Paulo:

"Que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus, mas esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens." ([Filipenses 2:6-7](#))

Talvez, o maior milagre que precisamos hoje não seja a ressurreição física de um morto, mas a ressurreição da nossa sensibilidade. Precisamos deixar de ser uma multidão que busca o espetáculo para ser a multidão que sabe parar o cortejo fúnebre do próximo, não com discursos de autoajuda, mas com a presença silenciosa e solidária que diz: "Não chore, eu estou aqui com você".

Os sinais seguirão aos que creem, disse Jesus. Portanto, não precisamos correr atrás deles. Nossa corrida deve ser para nos tornarmos, a cada dia, mais parecidos com esse Deus que se compadece e que visita o Seu povo na hora da angústia.

A casa da rocha. **#20 - O Poder não está na fé, na compaixão** - Zé Bruno - Meu Caro Amigo.
[Https://www.youtube.com/live/snyRyX1xYvA?si=Ec0Y8_DNb6QpaEaz](https://www.youtube.com/live/snyRyX1xYvA?si=Ec0Y8_DNb6QpaEaz)

Documento gerado em 29/01/2026 16:29:53 via BeHOLD